



ASEG para os Programas de Emergência e de Reabilitação

Análise Socio-Económica e de Género



OBJECTIVOS

- ▼ Fornecer algumas directrizes participativas básicas e orientadas para o género para melhorar os sistemas de monitorização e de avaliação existentes que já estão a decorrer, que se encontram a meio e/ou no final.

CONCEITOS CHAVE:

- ▼ Objectivos, monitorização de contactos com os beneficiários, quadro lógico com enfoque de género, avaliação e monitorização participativa, gestão baseada nos resultados, passos e critérios.

MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO

Os processos de avaliação e monitorização permitem aos funcionários analisarem o desempenho das operações de emergência, e a ajustarem o programa, se necessário, de forma a obter os resultados desejados.

A **monitorização** é um sistema de vigilância, usado por aqueles que são responsáveis por uma operação, para verificar se tudo está a decorrer o mais possível de acordo com o plano, e se os recursos não estão a ser desperdiçados. É um sistema de feedback contínuo, que decorre durante toda a vida da intervenção, e envolve a fiscalização ou a análise periódica de cada actividade, a cada nível.

Objectivos da monitorização

- ▶ As encomendas de ajuda estarem prontas a tempo
- ▶ Os planos de trabalho serem seguidos o mais de perto possível
- ▶ Poderem ser efectuados ajustamentos e tomadas acções correctivas onde seja necessário
- ▶ Aqueles que necessitam de saber serem mantidos informados
- ▶ Os recursos serem usados eficientemente e eficazmente
- ▶ Os constrangimentos e os obstáculos possam ser previstos e que soluções atempadas sejam encontradas

Os dados recolhidos durante a monitorização fornecem a base para a análise da avaliação, que dizem respeito à avaliação dos efeitos da intervenção nos ou para os beneficiários. Estes incluem os benefícios a termo certo (avaliação periódica), o impacto total das actividades e os inputs quando se leva a cabo a avaliação *post factum*.

A **avaliação** é a análise sistemática das operações pela administração. Os beneficiários devem ser envolvidos, o mais possível, de forma a permitir-lhes o ajustamento ou a redefinição de objectivos, a reorganização de disposições institucionais ou a redistribuição de recursos.

Aspectos dos sistemas de monitorização e avaliação

- ▶ Selecção de indicadores
- ▶ Identificação de prioridades
- ▶ Planeamento dos sistemas de recolha de dados
- ▶ Recolha de dados
- ▶ Análise de resultados
- ▶ Uso/disseminação da informação

Processo de planeamento do sistema de quatro passos

- ▶ **Verificar** os objectivos da intervenção para ver se estes são específicos, baseados na necessidade e úteis para a avaliação de resultados reais
- ▶ **Identificar** um grupo de indicadores para medir os resultados reais
- ▶ **Planear** como é que a recolha de informação pode ser feita e por quem, de acordo com os indicadores seleccionados
- ▶ **Explicar** porque é que a informação está a ser reportada, quem a vai usar e que acções podem ser levadas a cabo ou antecipadas

A selecção de indicadores para a monitorização e avaliação é importante, mas também difícil. Apesar de tomar muito tempo, quantas mais partes interessadas estiverem envolvidas na selecção e planeamento de indicadores, mais respeitado irá ser o seu sentido de posse e de responsabilidade.

Uma das tarefas mais importantes no planeamento do projecto é saber quão realista é a eficácia da selecção. Uma avaliação demasiada optimista pode, muitas vezes, levar a conflitos e carências de provisões durante a fase de execução.

Gestão baseada nos resultados

Existe uma ênfase crescente na visibilidade e na responsabilidade final das consequências da intervenção, em vez de se olharem apenas para os indicadores de processo relacionados com as operações de emergência, como a distribuição de alimentos (por exemplo, as toneladas de alimentos distribuídos e número de beneficiários que se consegue alcançar). Os focos da gestão baseada em resultados, os efeitos e os impactos da intervenção, são os indicadores de resultados imediatos (por exemplo, os quilómetros de estrada construídos).

O objectivo é melhorar a eficácia e a responsabilização da administração ao definir resultados esperados realísticos, monitorizar o progresso com vista a atingir os resultados esperados usando indicadores chave de performance¹, integrar as lições aprendidas nas decisões administrativas e relatar o desempenho².

As consequências e impactos são os resultados a longo termo do projecto, que só podem ser influenciados parcialmente. Os objectivos devem ser realistas e, se possível, devem ser combinados indicadores quantitativos e qualitativos. Na sua maior parte, os indicadores qualitativos reflectem as percepções e o nível de participação e são, portanto, muito relevantes para a análise dos impactos no género, enquanto que os indicadores quantitativos são facilmente mesuráveis.



CrITÉRIOS gerais de monitorização e avaliação

▶ Apropriabilidade	Planeamento da operação de auxílio como foi formulada durante a fase de avaliação de impacto
▶ Relevância	Se a intervenção se dá atenção às necessidades e prioridades da população mais vulnerável
▶ Eficácia	Uso dos recursos disponíveis, e resultados imediatos obtidos em relação aos inputs
▶ Efectividade	Grado en que los resultados esperados fueron alcanzados
▶ Impacto	Contribuição da intervenção para os sistemas de agricultura e para os meios de sustento dos beneficiários
▶ Perspectiva	Actividades de emergência a curto-termo devem ter em consideração problemas inter-conectados e a longo-termo (por exemplo, a sustentabilidade de um acesso às terras e recursos melhorado pelos beneficiários dos agregados familiares liderados por mulheres). A ASEG coloca as operações de emergência numa perspectiva de desenvolvimento sustentável
▶ Actualidade	Implícito nos critérios de eficiência e eficácia, mas importante tendo em conta que se a entrega das encomendas de auxílio estiver significativamente atrasada estas podem deixar de ser úteis. Se a assistência alimentar não chega às pessoas seleccionadas a tempo o seu estado nutricional irá declinar.
▶ Receptividade	Um critério transversal que se refere à capacidade do mecanismo de auxílio de se debruçar a tempo sobre as diferentes necessidades de todas as pessoas afectadas e vulneráveis. Isto está relacionado intrinsecamente com a velocidade com que ocorre a recuperação depois do desastre
▶ Adesão	Se o projecto se encontra em linha com a política e alvos da agência e do doador

¹ Indicadores de Performance Chave, Um menu de trabalho para áreas chave da assistência do PAM, Junho 2000.

² Gestão baseada nos resultados na Agência Canadiana para o Desenvolvimento Internacional. Janeiro, 1999..

Monitorização e avaliação participativa

A monitorização participativa envolve os beneficiários na medição, registro, recolha, processamento e comunicação da informação para auxiliar tanto os funcionários administrativos da operação como os membros do grupo beneficiário no processo de tomada de decisão. Uma abordagem participativa facilita uma perspectiva de género no plano de intervenção de emergência entre a comunidade beneficiária.

A análise de género trata de “quem são as necessidades” e de “quem é a participação”, assegurando a representação de homens e mulheres nas operações de emergência assim como nas ferramentas e processos de monitorização e avaliação (por exemplo, em um quadro lógico).

Criar e partilhar informação com todas as partes envolvidas sobre o progresso e impactos da operação de auxílio é essencial para a coordenação entre os doadores, as ONGs, os governos e os beneficiários locais. A apreciação da evolução de necessidades é também necessário para atingir uma reabilitação e recuperação sustentável de longo termo. Para uma visão compreensiva do estado da intervenção geral, é necessário um sistema de monitorização e avaliação eficiente em situações que evoluem rapidamente. Relatórios terminais e de progresso são preparados por cada agência e/ou instituições baseados na informação da monitorização recebidas do campo.

As abordagens utilizadas para recolher os dados variam de acordo com os recursos disponíveis. Tipicamente, os beneficiários são questionados em locais específicos pelos funcionários operacionais (como por exemplo, numa organização das NU ou do governo) usando entrevistas focadas em tópicos. As respostas são investigadas para o programa como um todo, usando questionários numa amostra dos beneficiários. Ocorrem então, acções de acompanhamento posterior para implementações e/ou reajustamentos futuros, de acordo com a resposta dos beneficiários.

Dois níveis de monitorização de contacto com os beneficiários

- ▶ **Funcionários do país (como por exemplo, do PAM e da FAO) e operadores de emergência levam a cabo visitas de campo para contactar os beneficiários e explorar as suas repostas à intervenção. Estas entrevistas fazem parte de uma supervisão de campo regular.**
- ▶ **Técnicas participativas de diagnósticos rurais rápidos podem ser usadas quando é necessária uma investigação mais detalhada, e onde estejam disponíveis recursos suficientes e capacidade de gestão.**

A organização de workshops com todas as partes interessadas, com uma representação adequada dos beneficiários, durante a fase de implementação da intervenção, é considerada como um método útil para a criação de informação participativa e para a redefinição de políticas e objectivos da operação de emergência.

Para desastres locais de começo lento, como as secas, os planeadores do projecto devem investigar quem (homens e mulheres) é que administra e controla os recursos do agregado familiar. Em locais em que são as mulheres as responsáveis pela monitorização diária dos níveis de reservas alimentares, os sistemas de aviso antecipados devem levar em consideração o seu conhecimento dos níveis das reservas alimentares em comparação com as necessidades. É encorajada a participação das mulheres para monitorizarem e devolverem informação aos sistemas VAM e GIEWS.

A abordagem do quadro lógico com enfoque de género

O quadro lógico é uma ferramenta analítica usada para planear e avaliar projectos ou programas. O seu nome deriva das ligações lógicas entre os meios e os fins do projecto. O quadro lógico pretende assegurar que todos os factores, ligações e relações causais associadas com a intervenção e com o seu contexto (social, económico, cultural, geográfico, ecológico e político) são correctamente levados em consideração no planeamento, implementação e avaliação da operação.



Exemplo de um quadro lógico indicativo³

Estrutura da operação	Indicadores de realização	Como é os indicadores são quantificados e estimados	Suposições importantes
Objectivos a longo prazo	Medidas Quantitativas/ Qualitativas	Fontes de informação (existentes ou por obter)	Condições externas à operação são necessárias se os objectivos imediatos vão contribuir para os objectivos a longo termo
Problemas?			
Soluções?			
Objectivos Imediatos	Evidências Qualitativas/ Quantitativas	Fontes de informação (existentes ou por obter)	Factores externos, que podem restringir o progresso desde a criação de resultados imediatos até à realização dos objectivos imediatos
Quais os efeitos imediatos?			
Benefícios? Quem beneficia?		Provisão de resultados/ inputs para a recolha de informação	
Melhoramentos ou mudanças?			
Resultados: Que resultados (tipo, quantidade, propósito, por quem?, quando?) devem ser produzidos em relação com os objectivos?		Fontes de informação	Os factores externos tem que ser considerados para alcançar os resultados planeados a tempo
Inputs: Por quem devem ser providenciados e a que custo os materiais, equipamentos, Produtos de consumo e recursos?		Fontes de informação	As decisões ou acções que estão fora do controlo da organização que são necessárias para o começo da operação

³ Fonte: Hambly et al. ISNAR. Seminário sobre Avaliação e Monitorização Engendradas. Janeiro, 2001. FAO Roma

O uso do quadro lógico não toma o lugar de outras ferramentas de monitorização ou avaliação. Deve ser encorajada com parte da documentação necessária.

Um quadro lógico com enfoque de género requer que o planeamento do projecto e cada componente da matriz do quadro lógico seja revisto com as ferramentas da análise socio-económica, incorporando uma abordagem de género no processo de administração do processo. A preparação de uma matriz de um quadro lógico com enfoque de género envolve a participação dos planeadores do projecto, partes interessadas e beneficiários na análise das relações de género e na abordagem de questões a cada nível da estrutura.

A análise toma lugar não só no lançamento do projecto, mas também durante todo o curso da monitorização e avaliação, mantendo em mente que o quadro lógico é tanto ajustável como aplicável à gestão a longo prazo.



Aspectos a rever para apresentar em relatórios

▶ Input	Recursos humanos, físicos e financeiros (tanto qualitativamente como quantitativamente) usados na operação (como por exemplo, número de trabalhadores, quantidade de comida distribuída, contribuição do corpo de funcionários da contraparte, despesas de operação)
▶ Resultado imediato	Resultado tangível imediato obtido após a introdução dos inputs na operação (por exemplo, estradas, reservatórios de água, número de beneficiários que estão a receber comida).
▶ Efeito	Uma resposta positiva ou negativa por parte dos beneficiários em relação à intervenção, em comparação com os resultados obtidos. Isto vai ter efeitos diferentes na população e área afectada (por exemplo, melhor acesso aos mercados e melhor estado nutricional, uma maior frequência escolar, novas situações de conflito ligadas ao uso de um resultado). Muitas vezes é difícil antecipar e medir os efeitos.
▶ Impacto	A soma dos efeitos individuais/comunitários vão definir o impacto geral de uma intervenção na população e área da operação (por exemplo, emprego, saúde infantil, rácio de alfabetização feminina)

Questões a Colocar – Monitorização e Avaliação

Lista de verificação de sistemas de reporte

Será que o sistema existente de reporte fornece informações relativas a homens e mulheres separadamente no que diz respeito a:

- | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Funcionários do projecto a vários níveis | <input type="checkbox"/> Comités a cada nível |
| <input type="checkbox"/> Funcionários de implementação da agência | <input type="checkbox"/> Comités de registro |
| <input type="checkbox"/> Número de pessoas com direito a | <input type="checkbox"/> Comités de distribuição |
| <input type="checkbox"/> Categoria (por exemplo, deslocadas internamente, refugiadas, retornadas) | <input type="checkbox"/> Participantes no trabalho de reconstrução |
| <input type="checkbox"/> Número total de pessoas que estão a receber ajuda | <input type="checkbox"/> Chefes dos agregados familiares |
-
- ▶ A operação foi planeada correctamente para se focar no efeito diferencial do desastre em mulheres e homens?
 - ▶ A sua situação melhorou?
 - ▶ Utilizaram-se os recursos disponíveis eficientemente, medindo os resultados imediatos em relação aos inputs?
 - ▶ Atingiram-se os resultados esperados eficazmente?
 - ▶ Como se pode ajustar a assistência às necessidades específicas de homens e mulheres?
 - ▶ O tipo de ajuda fornecida foi realmente ajustado às necessidades reais e diferentes dos homens e mulheres afectados?
 - ▶ As necessidades de homens e de mulheres poderiam ter sido atingidas mais eficazmente se tivesse sido utilizada uma abordagem diferente?
 - ▶ Incorpora uma abordagem participativa entre os funcionários do projecto a níveis diferentes para avaliar o progresso?
 - ▶ O sistema de avaliação e monitorização incorpora um feedback participativo das mulheres da aldeia?
 - ▶ Que tipo de mudanças específicas ocorreram nos sistemas de subsistência que beneficiaram agregados familiares liderados por homens e mulheres?
 - ▶ Os resultados obtidos foram percebidos como eficazes pelos homens e mulheres?
 - ▶ Quais são as suas percepções em termos dos seus sistemas de subsistência e agricultura?

Lista de verificação dos papéis das mulheres

- ▶ As mulheres já são representadas no comité da aldeia e em que proporção? Foram eleitas ou nomeadas?
 - ▶ Se Tivessem que se juntar mulheres a estes comités para se atingir uma representação balanceada a nível de género, isto aconteceria mesmo? Se não, porquê?
 - ▶ A distribuição de direitos dos agregados familiares individuais é transparente e justa? Quão perto ficou o projecto de realmente atingir os seus alvos (dê razões)?
 - ▶ Qual foi o papel dos membros femininos nos comités de registro e na distribuição (por exemplo, verificar cartões identificativos e tamanho do agregado familiar)? Do ponto de vista dos aldeões, isto tornou a distribuição mais justa?
 - ▶ Fazer parte dos comités teve um impacto positivo na auto-estima das mulheres e no respeito por parte dos outros aldeões? Se esse for o caso, este efeito prolongase no tempo?
 - ▶ Quais eram os papéis das mulheres nos comités de distribuição (por exemplo, pesar, reempacotar e monitorizar se as pessoas recebiam de facto aquilo que lhes era de direito)? Isto tornou a distribuição mais justa?
- Analise a situação de género e o que está a faltar em comparação com os seguintes critérios:**

	Situação Actual	Constrangimentos na tomada de decisão	Possibilidade de mudança
Distribuição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recepção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Controlo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consumo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Lista de verificação da monitorização do contacto com os beneficiários

- ▶ Quantas mulheres e quantos homens estão a ser salvos pelo projecto de auxílio? Quem participa?
- ▶ Qual é o impacto da mudança de migração na velocidade da recuperação na aldeia?
- ▶ Qual é o impacto na carga de trabalho das mulheres e homens?
- ▶ Qual é o impacto geral no acesso a e controlo de recursos, por género?
- ▶ Qual é o impacto da participação das mulheres nos comités em termos de transparência e responsabilidade dos líderes?
- ▶ Qual o impacto no valor do capital humano de homens e mulheres (como receptores de formação)?
- ▶ Qual a quantidade de comida que realmente chegou ao grupo seleccionado, comparada com a quantidade total de comida distribuída?
- ▶ Quão adequados foram os recursos recebidos pelos necessitados (quantidade, tipo, qualidade, frequência)?
- ▶ O programa está a chegar aos beneficiários seleccionados?
- ▶ As actividades são úteis para eles e como (com uma análise de género)?
- ▶ Qual é o impacto sobre a migração de homens e mulheres?
- ▶ Qual o impacto sobre a recuperação dos bens de homens e mulheres (substituição de gado das mulheres)?
- ▶ Qual é o impacto das políticas da agência da Nações Unidas na carga de trabalho e controlo alimentar de homens e mulheres?
- ▶ Qual é o impacto do projecto de auxílio de emergência (auxílio alimentar em particular) na frequência escolar das crianças do sexo feminino e masculino?
- ▶ Qual é o impacto sobre o rendimento e opções dos meios de subsistência (por exemplo, actividades geradoras de rendimento e novas oportunidades de emprego)?
- ▶ Que porção do número total de recipientes de auxílio alimentar eram realmente necessários (designados ou não designados)?
- ▶ Quão adequado foi o momento de distribuição de inputs alimentares e não alimentares?
- ▶ De que forma os beneficiários vêm a sua vida a melhorar ou a mudar como resultado da intervenção de auxílio?
- ▶ Os beneficiários estão a encontrar problemas específicos relacionados com o género?



ASEG para os Programas de Emergência e de Reabilitação

Análise Socio-Económica e de Género



OBJECTIVOS

- ▼ Fornecer uma visão geral das ferramentas ASEG

CONCEITOS CHAVE

- ▼ Mapas sociais das aldeia, linhas de tendência, diagramas de Venn, classificação de pares, fluxogramas, gráfico de análise de problemas, diagramas de sistemas de agricultura, relógio das actividades diárias, calendários sazonais, análise de benefícios, análise de rendimentos e de despesas, cartas de figuras de recursos, plano de acção comunitária preliminar, avaliação de opções e plano de acção de melhores apostas.

Descrição de procedimentos com exemplos de aplicação

Mapa social da aldeia

PROPÓSITO: o **mapa social da aldeia** é uma ferramenta que nos ajuda a aprender sobre a estrutura social de uma comunidade, e sobre como as diferenças entre agregados familiares são definidas. É particularmente útil para aprender sobre as definições locais de “pobre” e “rico”, e sobre as mudanças populacionais (coeficiente de natalidade, migração interna e migração externa).

Como estes mapas mostram todos os tipos de agregados familiares existentes numa comunidade (por saúde, etnia, castas, religião etc.) e as suas localizações, eles ajudam a assegurar que as pessoas de todos os diferentes grupos socio-económicos são alcançadas durante o DR. Eles são também úteis como uma introdução para discussão de injustiças, problemas sociais, estratégias de superação e soluções.

PROCESSO: organizar um grupo focalizado de participantes que conhecem mais provavelmente todos os agregados familiares da comunidade. Assegurar que tanto homens como mulheres participam, ou organizar grupos-alvo separados se necessário.

Os mapas sociais das aldeias são feitos no terreno usando materiais locais (ou desenhado ou em quadros de papel).

Pedir aos participantes para começarem por mostrar a localização de todos os agregados familiares.

Quando todos os agregados familiares forem mostrados, segue-se a constituição de um grupo de discussão que decide o que constitui riqueza e bem-estar até que sejam acordados os critérios principais. Estes critérios podem incluir coisas como tipo de casa, quantidade de gado, remessas de dinheiro e provisões de comida, assim como um acesso à educação e cuidados de saúde. Deixem-nos decidir.

Depois, cada agregado familiar é avaliado usando esse critério de bem-estar e colocados os relativos símbolos no mapa. Podem ser usados seixos, folhas ou cores. Desta forma, é criado um mapa visual das diferenças socio-económicas com consenso de grupo.

Finalmente, usam-se as questões ASEG para analisar mais profundamente outras características e diferenças dos agregados familiares e tendências populacionais. É necessário assegurar que os mapas finais incluem indicadores de direcção (Norte, Sul, Este e Oeste) e o limite da fronteira da aldeia.

Se os membros da equipe da AR ainda não estão familiarizados com a estrutura familiar da comunidade antes do início da AR, é uma boa ideia rever materiais secundários neste aspecto antes de se iniciar o estudo de campo. Informação adicional pode ser obtida de discussões informais durante refeições e etc.

Linhas tendenciais

PROPÓSITO: as **linhas tendenciais** são ferramentas que nos ajudam a aprender sobre as percepções da comunidade na mudança do ambiente local, padrões económicos, sociais e institucionais. É uma ferramenta para procurar o que está a melhorar e o que está a piorar. Uma linha de tendência é um gráfico simples que representa a mudança ao longo dos tempos.

PROCESSO: organizar grupos-alvo de mulheres e homens mais velhos. Envolver os idosos no desenvolvimento de linhas de tendência é essencial pois estes conhecem os acontecimentos passados.

Inquirir os participantes sobre mudanças importantes na comunidade, quer seja para o melhor como para o pior. Usar as questões ASEG para sondar as mudanças nos recursos naturais, população e oportunidades económicas. Perguntar sobre que outras mudanças são importantes para eles.

Desenhar um grande gráfico em branco para cada linha a ser explorada. Explicar como o eixo horizontal mais à esquerda representa o passado e que o mais à direita representa o presente. Inquirir sobre que intervalos (anos, acontecimentos históricos, etc.) devem ser usados ao longo do eixo de baixo, por exemplo 1950, 1960 e 1970. Explicar como as estimativas de aumento e decréscimo vão ser mostradas no eixo vertical.

Pedir aos participantes para produzirem uma linha de tendência para cada assunto. Será mais fácil facilitar as discussões sobre as interações e ligações entre tendências diferentes se as linhas tendenciais forem colocadas directamente umas acima das outras. Procurar também causas para as tendências de nível intermediário e macro.

Encorajar a discussão das razões porque as tendências emergiram. Isto vai ajudar à aprendizagem de problemas chave. Discutir quais as soluções que já foram tentadas no passado a quão eficientes foram. Perguntar sobre o que poderia facilitar a situação.

Sondar para verificar se existe uma relação entre duas ou mais tendências, como por exemplo se um decréscimo nos recursos florestais está associado com um aumento paralelo na população humana e/ou um aumento na população de gado. Se o tempo permitir, as linhas tendenciais podem ser expandidas para incluírem o futuro. Pedir aos participantes para mostrarem como é que eles gostariam que o futuro fosse para cada caso. Discutir que mudanças seriam necessárias para as atingir.

Diagrama de Venn:

PROPÓSITO: o **Diagrama de Venn** é uma ferramenta que ajuda à aprendizagem sobre a importância de grupos locais e instituições. Isto pode ser útil para clarificar os papéis no processo de tomada de decisão e identificar conflitos potenciais entre diferentes grupos socio-económicos. É também útil para identificar ligações entre instituições locais e as que se encontram ao um nível intermediário e macro.

PROCESSO: organizar grupos-alvo de homens e mulheres, incluindo uma mistura de grupos socio-económicos. Certificar-se que os mais pobres e que estão em maior desvantagem (por grupos étnicos ou por castas, etc.) estão incluídos, ou tem os seus próprios grupos, como for mais apropriado.

O Diagrama de Venn pode ser traçado dentro do grupo, mas é especialmente claro se círculos de papel colorido forem usados numa folha grande de um quadro. É útil cortar, antecipadamente, círculos de tamanhos e cores diferentes.

Começa-se por pedir aos participantes para listarem os grupos e organizações locais, assim como as instituições externas que são mais importantes para eles. Depois, pedir aos participantes para decidirem se cada organização merece um círculo grande ou pequeno (para representar a sua importância relativa). O nome (ou símbolo) de cada organização deve ser indicado por cada círculo. (Se possível, assegurar que cada organização tem uma cor diferente).

Perguntar que instituições trabalham juntas ou tem membros em comum. Os círculos devem ser colocados da seguinte forma:

Círculos separados = não há contacto; Círculos que se tocam = a informação circula entre instituições; Uma pequena sobreposição = alguma cooperação no processo de tomada de decisão; Uma grande sobreposição = uma grande cooperação no processo de tomada de decisão.

Discutir o maior número possível de instituições e pedir aos participantes para as posicionarem umas em relação às outras. Pode haver muito debate e reposicionamento dos círculos até ser atingido um consenso. É importante compreender de que forma os diferentes participantes estão ou não satisfeitos com os grupos ou instituições que lhes estão disponíveis. É também importante compreender se certos tipos de pessoa, como por mulheres, pobres ou certos grupos étnicos, são excluídos de participarem em certas instituições.

Utilizam-se as questões ASEG para aprofundar as discussões. É necessário discutir e comparar os diagramas de Venn produzidos pelos diferentes grupos de participantes. Se um grupo atribuiu um círculo grande a uma instituição à qual outro grupo atribuiu um círculo pequeno, tem que se descobrir porquê. Como é que essa instituição se está a relacionar diferentemente com membros diferentes da aldeia? Há que notar se um grupo incluiu menos organizações no seu diagrama.

Classificação de ordenamento em pares

PROPÓSITO: a **classificação de ordenamento em pares** é uma ferramenta que ajuda à aprendizagem sobre os problemas mais importantes dos diferentes membros da comunidade. Também permite uma fácil comparação das prioridades de diferentes pessoas.

Muitos dos problemas prioritários das pessoas são aqueles que estão relacionados com a luta do dia a dia para satisfazer as necessidades básicas, enquanto outros originam-se a partir das esperanças para o futuro. Alguns problemas estão relacionados especificamente com problemas de género, como a falta de controlo feminino sobre recursos importantes ou a divisão do trabalho baseada no género. A classificação de pares sublinha como os problemas prioritários diferem de homens para mulheres, e onde se sobrepõem. De forma similar, as necessidades prioritárias dos membros de grupos socio-económico diferentes são reveladas.

PROCESSOS: organizar dois grupos-alvo separados: um de mulheres e outro de homens. Assegurar que em cada um está incluída uma mistura de grupos socio-económicos (como estão identificados no Mapa Social).

Pedir aos participantes para pensarem sobre os seus “problemas” e listarem os seis problemas (em qualquer ordem) que são mais importantes para eles.

Escrever a lista com os seis problemas tanto no eixo vertical como no horizontal da matriz preparada em branco de classificação de pares. Escrever, também, cada um dos seis problemas em cartões separados. Apresentar um par de cartões (mostrando dois problemas diferentes) ao grupo. Pedir-lhes para escolherem o mais importante. Anotar a sua escolha na matriz preparada. Pedir-lhes também para explicar as razões para a sua escolha. Repetir até que todas as combinações de cartões tenham sido apresentadas e decididas.

Contar o número de vezes que cada problema foi seleccionado e classificá-los. Os três problemas seleccionados mais vezes são os problemas prioritários do grupo.

Organizar um segundo conjunto de grupos-alvo – desta vez de acordo com o grupo socio-económico. Assegurar-se que tanto homens como mulheres participam em cada grupo. Repetir o exercício. Comparar as descobertas dos dois grupos.

Discutir os problemas pode encorajar as pessoas a identificar uma lista de necessidades, em vez de assuntos que são apropriados para desenvolver actividades.

Fluxogramas

PROPÓSITO: o Fluxograma é uma ferramenta que foi construída sobre a aprendizagem da matriz de classificação de pares. Ajuda-nos a aprender sobre a compreensão das pessoas sobre as causas dos seus problemas assim como dos efeitos resultantes dos seus problemas. Também pode ser usado para identificar soluções possíveis.

O Fluxograma depende da análise dos principais problemas da comunidade ao revelar como é que os problemas, as causas, os efeitos e as soluções estão relacionados. Também pode mostrar que problemas têm soluções que podem ser implementadas pela comunidade, que problemas necessitam de assistência externa para serem solucionados, e quais parecem não ter solução.

PROCESSO: trabalha-se com os mesmos grupos-alvo que participaram na preparação da Matriz de ordenamento em pares.

Pega-se num problema prioritário (como foi identificado na Matriz de ordenamento em pares) de cada vez. Coloca-se o nome (ou símbolo) do problema no centro do quadro e desenhar um círculo à sua volta.

Primeiro, questiona-se acerca das causas do problema. À medida que cada causa é nomeada escreve-se num cartão separado cada uma delas. Discute-se e investiga-se até já não haverem mais causas por identificar. Pergunta-se aos participantes que causas estão relacionadas umas com as outras. Pede-se ajuda aos participantes para colocar as causas na correspondência correcta com o problema no quadro. Quando se chega a um acordo entre todas sobre a sua colocação, desenham-se setas das causas para o problema.

Em segundo lugar, questiona-se acerca os efeitos que resultam do problema. À medida que cada efeito é nomeado escreve-se cada um num cartão separado. Discute-se e sonda-se até que já não existam mais efeitos por identificar. Pede-se a ajuda dos participantes para colocar os cartões dos efeitos nos locais correctos do quadro. Quando se chegar a um acordo entre todos sobre a sua colocação, desenham-se setas de e para os efeitos e problemas.

Em terceiro lugar, questiona-se acerca de soluções. À medida que cada solução é nomeada escreve-se cada uma num cartão separado. Discute-se e sonda-se até já não existirem mais soluções por identificar.

Pede-se ajuda aos participantes na colocação dos cartões de soluções nos locais correctos no quadro. Quando todos acordarem sobre a colocação dos cartões, desenham-se linhas duplas entre as soluções os problemas. Repete-se o procedimento para cada problema prioritário de cada grupo. É importante que se assegure que todos compreendem a diferença entre as causas, efeitos e soluções. Por esta razão, é importante que se discuta uma de cada vez.

Gráfico de Análise de Problemas

PROPÓSITO: o **Gráfico de Análise de Problemas** é utilizado para compreender as necessidades de grupos diferentes numa comunidade. Com esta ferramenta todos os diferentes problemas são apresentados e discutidos com a comunidade como um todo, ao mostrar onde as diferentes prioridades das pessoas se sobrepõem e onde elas diferem. Também permite uma discussão alargada das causas dos problemas, estratégias usadas para lidar com as dificuldades e oportunidades para o desenvolvimento. As estratégias usadas para lidar com as dificuldades podem ser construídas para desenvolver e informar sobre se os esforços para abordar um problema particular já foram feitos, se falharam ou não se abordou o problema completamente.

Embora os locais possam ter muitas boas ideias sobre aquilo que elas necessitam, pode-lhes faltar informação sobre as opções que os programas de desenvolvimento podem oferecer. É importante que técnicos “especialistas” relevantes de agências e organizações exteriores, assim como oficiais de extensão e trabalhadores de ONGs, sejam convidados para participar antecipadamente. É muito importante nesta fase de análise que os locais recebam a informação apropriada para que possam tomar decisões informadas.

PROCESSO: a reunião deve começar com uma apresentação das aprendizagens efectuadas até então, começando com um resumo das descobertas e terminando com os problemas prioritários (e as suas causas e efeitos) de homens e mulheres, e os diferentes grupos socio-económicos.

Usam-se os seguintes critérios para encurtar a lista de problemas: (i) Quando um problema foi identificado por mais que um grupo, só se listam uma vez; (ii) Quando dois ou mais problemas estão intimamente relacionados (partilhando causas, efeitos e soluções), nomeiam-se como um só problema; (iii) Quando um problema não tem solução, como por exemplo o clima, elimina-se da lista de problemas.

Prepara-se o Gráfico de Análise de Problemas ao listar na coluna mais à esquerda os três problemas prioritários identificados por cada um dos diferentes grupos na Matriz de Classificação de Pares. Na segunda coluna, listam-se as causas dos problemas como foi identificado nos Fluxogramas. Apresenta-se o Gráfico de Análise de Problemas na reunião a todo o grupo. Explica-se que grupos identificaram que problemas e salienta-se onde é que as prioridades se sobrepõem. Para cada problema, apresentam-se as causas identificadas. Pergunta-se se alguém, incluindo os especialistas externos, tem algo a adicionar. Depois pede-se às pessoas para explicar o que elas fazem actualmente para conseguir lidar com os seus problemas. Listam-se as estratégias usadas para lidar com as dificuldades na terceira coluna. Finalmente, discutem-se oportunidades para o desenvolvimento, com referências específicas para cada problema, pedindo tanto aos membros da comunidade como aos especialistas externos para contribuírem com as suas ideias. Constrói-se a partir das soluções identificadas nos Fluxogramas. Listam-se as soluções na quarta coluna.

Diagrama de Sistemas Agrícolas

PROPÓSITO: o **Diagrama de Sistemas Agrícolas** é utilizado para compreender como os meios de subsistência dos agregados familiares rurais são reunidos. É um diagrama projectado para sublinhar o sistema agrícola, incluindo actividades dentro da quinta como a produção de colheitas, actividades fora da quinta como a recolha de combustível, e actividades que não tem a ver com a quinta como a comercialização. O diagrama mostra o fluxo de recursos de e para o agregado familiar, quem está envolvido por género, sobre todas as localizações e estações. Ajuda a capturar a total extensão das actividades dos agregados familiares mostrando a complexidade dos sistemas de subsistência. Mostram também, muitas vezes, como os meios de subsistência podem depender de muitos tipos diferentes de ecossistemas agrícolas – muitos dos quais podem ser recursos de propriedade comum como florestas, terras de pasto, rios e canais. Os diagramas de sistemas agrícolas podem também ilustrar que homens e mulheres têm conhecimentos específicos sobre colheitas particulares, animais ou produtos arborícolas – conhecimentos que podem ser utilizados para o desenvolvimento.

PROCESSOS: seleccionam-se dois agregados familiares de cada grupo socio-económico identificado no Mapa Social. Visita-se cada agregado familiar individualmente.

Após apresentações cordiais, informa-se a família que se quer aprender sobre as suas actividades agrícolas (não há necessidade de mencionar o mapeamento nesta altura). Pede-se aos homens e mulheres do agregado familiar para os acompanhar numa visita pela sua quinta. Isto ajuda as pessoas a sentirem-se mais à vontade pois permite que os membros do agregado familiar mostrem o seu conhecimento. Não esquecer de percorrer a área da casa e as áreas comuns da propriedade. À medida que se vai visitando a quinta colocam-se questões sobre as actividades e recursos que se vão vendo. Não esquecer de perguntar sobre o que acontece noutras estações do ano e em locais que são longe demais para visitar.

Após terem passado cerca de 30 a 40 minutos de visita, junta-se o maior número possível de membros do agregado familiar quanto possível – homens, mulheres, crianças – para se discutir o que foi visto e conversado. Depois pára-se e sugere-se à família que a informação que eles estão a fornecer é demasiada para se conseguir decorar e que é melhor registar a informação e desenhá-la num papel. Continua-se a discussão mas pede-se aos presentes para ajudarem a fazer o esboço. Assim que for possível pode-se deixar a família fazer o desenho. Rapidamente pode-se ficar só a colocar questões e a ouvir.

Com esta ferramenta quer-se conhecer as circunstâncias típicas ou gerais. Concentre-se na obtenção de uma visão geral de todo o sistema, sem detalhes excessivos.

À medida que os membros do agregado familiar progridem no seu desenho, utilizam-se as questões ASEG para explorar o trabalho e o fluxo de recursos do sistema agrícola. Assegure-se que o diagrama mostra os papéis e as responsabilidades por género, idade e posição no agregado familiar (líder, esposo, primeira esposa e irmã), se for apropriado.

Relógio das Actividades Diárias

PROPÓSITO: o **Relógio das Actividades Diárias** ilustra todos os tipos diferentes de actividades levadas a cabo num dia. São particularmente úteis para olhar para a carga de trabalho relativa entre diferentes grupos de pessoas na comunidade, como por exemplo, entre homens, mulheres, ricos, pobres, jovens e velhos. As comparações entre relógios das actividades diárias mostram quem trabalha mais horas, quem se concentra num pequeno número de actividades, quem tem de dividir o seu tempo por uma multiplicidade de actividades e quem tem mais tempo livre e para dormir. Também podem ilustrar variações sazonais.

PROCESSO: organizam-se grupos-alvo separados de homens e mulheres. Assegure-se que cada grupo inclui pessoas de diferentes grupos socio-económicos. Explicar que se gostaria de aprender sobre o que eles fazem num dia típico. Pede-se aos grupos de mulheres e homens para produzirem cada um o seu próprio horário. Eles devem primeiro focar-se nas actividades do dia anterior. Deve ser delineado um quadro de todas as actividades realizadas a horas diferentes e quanto tempo demoraram num gráfico de sectores circular. Planeia-se cada actividade no gráfico de sectores circular (de forma a parecer um relógio). As actividades que foram levadas a cabo simultaneamente, como o cuidar de crianças e jardinagem, devem ser anotadas.

Quando os horários estiverem completados, fazem-se questões sobre as actividades mostradas. Anota-se a estação presente, como por exemplo a estação das chuvas, e depois peça aos mesmos participantes para produzirem novos horários para representar um dia típico noutra estação, como por exemplo a estação seca. Compara-se.

Uma das melhores formas (e muitas vezes divertida) de introduzir a ferramenta do Relógio das Actividades Diárias é começar por mostrar como é que é o seu próprio dia. Desenhe um grande círculo num papel e indique a que horas se levanta, a que horas vai trabalhar, quando é que cuida das crianças, e por aí adiante. Não é necessário entrar em grandes pormenores, mas é importante ilustrar que todos os tipos de actividades estão incluídos como o trabalho agrícola, trabalho pago, cuidar das crianças, cozinhar, dormir, etc.

Calendários Sazonais

PROPÓSITO: Os calendários sazonais são ferramentas que nos ajudam a explorar as mudanças nos sistemas de subsistência que estão a ocorrer num determinado período do ano. Eles podem ser úteis para contrariar preconceitos temporais pois estes são utilizados para descobrir o que se passa em diferentes estações do ano. De outra forma, existiria uma tendência para discutir somente o que está a acontecer durante o período de tempo em que a AR está a ocorrer.

Os calendários podem ser usados para estudar muitas coisas como a quantidade de trabalho que as pessoas têm em alturas diferentes do ano ou como os seus rendimentos mudam em períodos diferentes. Também pode ser usado para mostrar a sazonalidade de outros aspectos importantes do sustento como a disponibilidade de comida e água.

PROCESSO: trabalha-se com um grupo de mulheres e com outro de homens que produziram os Relógios das Actividades Diárias. Explica-se que desta vez se quer aprender sobre o que as pessoas fazem num ano.

Descobre-se um grande espaço aberto para cada grupo. Podem ser desenhados calendários num papel grande ou estes podem ser traçados na areia ou num chão sujo usando pedras ou folhas para quantificar. Desenha-se uma linha ao longo do topo do espaço aberto (ou da folha). Explica-se que a linha representa um ano – e pergunta-se como é que as pessoas dividem o ano, em meses, estações, etc. A escala a utilizar é a que fizer mais sentido para os participantes. Pede-se aos participantes para marcar as divisões sazonais ao longo do topo da linha. Normalmente, é mais fácil começar o calendário por perguntar sobre os padrões de chuva. Pede-se-lhes para colocarem pedras debaixo de cada mês (ou de outra divisão) do calendário para representar quantidades relativas de queda de chuva (mais pedras é igual a mais chuva).

Uma vez que o calendário da queda de chuva está terminado, pode se desenhar outra linha debaixo dessa e pedir aos participantes para fazer outro calendário, desta vez mostrando o seu trabalho na agricultura (colocando mais pedras sobre períodos de tempo de maior intensidade laboral). Assegurar que o calendário de trabalho, e os calendários subsequentes, está perfeitamente alinhado com o calendário da queda de chuva.

O processo é repetido, um calendário após o outro, até que todos os assuntos de interesse sazonais foram abrangidos. Assegurar que os calendários incluem calendários de disponibilidade de comida, água, fontes de rendimento e gastos. Pede-se aos participantes para colocar um símbolo ou sinal próximo de cada calendário para indicar o tópico de cada um. Tanto quanto possível, pedir-lhes também para descrever fontes de comida e rendimento, etc.

Outros assuntos podem ser adicionados de acordo com as necessidades e interesses dos participantes, como doenças dos animais, recolha de forragem, épocas de pesca, oportunidades de comercialização, problemas de saúde e por aí adiante.

Fluxograma de Análise de Benefícios

PROPÓSITO: o **Fluxograma de Análise de Benefícios** é uma ferramenta que nos ajuda a compreender quais são os frutos das actividades de subsistência das pessoas, e quem tira proveito deles. Constrói-se a partir da informação aprendida nos Mapas de Sistemas Agrícolas.

Actividades de subsistência e recursos resultam geralmente em produtos e subprodutos – aquilo a que chamamos benefícios. Por exemplo, os benefícios de plantar uma árvore podem incluir fruta, forragem, combustível, madeira, cortiça e postes. Os benefícios resultantes de plantar milho pode incluir comida, óleo, combustível, material para construção de cercas e alimento para os animais. O Fluxograma da Análise de Benefícios mostra quem usa cada um desses produtos, quem decide como cada um é usado e quem controla o dinheiro se forem vendidos.

PROCESSO: faz-se uma nova visita a cada uma das famílias que produziu o Diagrama de Sistemas Agrícolas (marcada numa altura conveniente e discutida no fim da primeira visita). Chega-se com um conjunto de cartões de indicadores (um conjunto diferente para cada família) já preparados e baseados na informação sobre os recursos revelados durante as discussões do Diagrama de Sistemas Agrícolas.

Cada cartão deve representar um recurso ou um produto ou subproduto (benefício) das várias actividades de subsistência. Por exemplo, a produção de aves domésticas pode originar não só ovos e carne para consumo, como também em ovos e carne para venda, peles, fertilizantes e presentes em ocasiões especiais. Cada um destes irá ser mostrado num cartão separado. Leva-se também alguns cartões em branco assim como o Diagrama de Sistemas Agrícolas.

Distribuem-se alguns dos cartões que já estavam preparados aos membros adultos da família. Eles passam os cartões uns aos outros e olham para eles um de cada vez. Pede-se-lhes para descreverem quem na família usa esses produtos, como são usados, quem decide, como devem ser usados e quem controla o dinheiro se estes forem vendidos. Se um membro da família não souber muito acerca de um produto em particular, ele ou ela passa o cartão para a pessoa que sabe. Procura-se informação adicional de outros membros do agregado familiar.

Usa-se os cartões que estão em branco para adicionar outros produtos e sub-produtos à medida que estes vão surgindo na discussão. Se necessário voltar a recorrer ao Diagrama de Sistemas Agrícolas.

Esta ferramenta é uma oportunidade para explorar de uma forma detalhada e dinâmica os assuntos económicos fundamentais de meios de subsistência. Assuntos que surjam podem ser explorados mais profundamente através de observações directas e entrevistas semi-estruturadas.

Matrizes de Rendimento e de Despesa

PROPÓSITO: as **Matrizes de Rendimentos e de Despesas** são usadas para compreender as fontes de rendimentos e fontes de despesas. Esta ferramenta pode também revelar mudanças nas despesas em tempos de crise. Ao quantificar a importância relativa de diferentes fontes de rendimento para pessoas diferentes, incluindo tanto homens como mulheres de cada grupo social, podemos compreender a segurança ou vulnerabilidade dos meios de subsistência de pessoas diferentes, as suas prioridades e limitações. É importante verificar se todo, quase todo ou só algum do seu rendimento é gasto para satisfazer as suas necessidades básicas. Depois de satisfazerem as suas necessidades básicas sobra dinheiro ou algumas poupanças para investir nos seus meios de subsistência (como por exemplo, vacinas para os animais e fertilizantes)?

PROCESSO: organizar dois ou três novos grupos-alvo, misturando diferentes grupos socio-económicos, homens com mulheres, idosos com jovens, etc. Trabalha-se com cada grupo separadamente. Explica-se que se quer saber onde eles fazem dinheiro e no que é que o gastam. Começa-se por pedir ao grupo para listarem as fontes de rendimento. Começa-se a desenhar a matriz ao indicar-se cada fonte de rendimento ao longo de um eixo horizontal. O grupo pode querer seleccionar imagens ou símbolos para representarem cada categoria. Reúnem-se 50 pedras (pede-se às crianças para ajudarem). Explica-se que estas pedras representam o rendimento total de toda a comunidade num ano. Pede-se aos participantes para dividirem as pedras de acordo com a sua riqueza/rendimento, em que cada pessoa que representa um grupo socio-económico teria uma proporção das 50 pedras, como discutido e acordado pelo grupo como um todo.

O eixo vertical pode incluir um representante para as mulheres ricas e para as mulheres pobres, homens ricos e homens pobres, etc. Pede-se a cada um para distribuir as suas pedras na matriz para indicar as fontes de rendimento. São colocadas muitas pedras debaixo de grandes fontes de rendimento, menos pedras debaixo de fontes de rendimento menores e não se colocam pedras nenhuma se não se obtém nenhum rendimento de uma fonte particular. Isto é efectuado até todas as pedras terem sido distribuídas. Registra-se a matriz – contando todas as pedras para cada fonte de rendimento de cada grupo socio-económico. Depois pede-se aos participantes para listarem todas as suas despesas, incluindo as poupanças. Muda-se o eixo horizontal da matriz para representar cada categoria de despesas. Repete-se o processo. Finalmente, cria-se uma crise relevante (uma praga, uma seca) e pede-se a cada representante para retirar várias pedras da matriz para mostrar onde é que eles encontrariam dinheiro para superarem.

Discute-se o impacto da crise e das estratégias de superação da crise dos diferentes participantes. Registra-se de onde as pedras foram tiradas para lidar com a crise (como por exemplo, as mensalidades escolares, roupa e comida). Discutir rendimentos e despesas pode ser muito sensível, particularmente se os participantes têm que concordar sobre quantas pedras cada representante de cada grupo socio-económico deve ter. Esta ferramenta tem tendência a resultar porque não se discutem **quantias** somente **fontes**.

Cartões Figurativos dos Recursos

PROPÓSITO: os **Cartões figurativos de Recursos** são utilizados para aprender acerca do uso e controlo baseado no género dentro de cada agregado familiar. Estão incluídas as variações entre diferentes grupos socio-económicos. Os papéis dos géneros são um aspecto importante do modo como os recursos são administrados e de como as decisões são tomadas. É particularmente útil na facilitação de discussões francas sobre assuntos sensíveis de uma maneira engraçada e não ameaçadora. Os recursos base de tanto homens como mulheres é mostrado de uma forma visualmente clara, levando as discussões sobre prioridades e necessidades de recursos para planos de acção de desenvolvimento. Quem no agregado familiar tem acesso a recursos como terra, gado e comida? Quem toma as decisões sobre o uso desses recursos? Compreender as repostas a estas questões ajuda a compreender quem é que mais provavelmente vai perder e ganhar devido a uma actividade de desenvolvimento particular.

PROCESSO: trabalha-se com os mesmos grupos-alvo de homens e mulheres que produziram o Relógio das Actividades Diárias e os Calendários Sazonais. Explica-se que agora se quer aprender sobre o uso e controlo dos recursos.

Colocam-se os três desenhos maiores, um de uma mulher, um de um homem e um de um homem e de uma mulher juntos, numa fila com espaço adequado entre eles. Por baixo desses desenhos espalham-se, de forma aleatória, os 20 ou mais cartões pequenos de forma aleatória, cada um representando um recurso diferente. Incluem-se alguns cartões em branco para que possam adicionar-se recursos. Pede-se para colocarem os cartões por baixo dos três desenhos maiores, dependendo de quem usa cada recurso, que seja mulher, homem, ou ambos. Facilita-se a discussão entre os participantes sobre a razão pela qual eles fizeram as escolhas que fizeram. Coloca-se o segundo grupo de desenhos e cartões no chão, perto do primeiro grupo. Repete-se o exercício mas desta vez focando-se em quem tem o **controlo**, a posse ou poder de tomada de decisão correspondente a cada recurso. Facilita-se, de novo, a discussão entre os participantes sobre a razão pela qual eles fizeram as escolhas que fizeram. Pede-se-lhes para compararem o modo como organizaram os dois grupos de cartas. Se necessário repete-se utilizando outros grupos e compara-se.

Esta ferramenta gera, rapidamente, muita discussão pois as pessoas tentam decidir onde colocar o cartão de recurso, quer seja debaixo do desenho da mulher, do homem ou do de ambos. Especifica-se que somente os recursos ou controlados 50-50% por homens e mulheres são colocados por baixo do desenho de ambos. Caso contrário, as imagens devem ser colocados por baixo ou da mulher ou do homem para indicar quem usa e controla maioritariamente cada recurso. Nas suas discussões, os participantes vão chegar a um consenso sobre o que cada cartão representa. Por exemplo, eles podem decidir que a imagem do cesto representa cestos para venda ou cestos para armazenar grãos. As imagens dos recursos que não são relevantes devem ser postas de lado. Os cartões em branco devem ser utilizados para adicionar recursos relevantes que ainda não foram mostrados. Vai haver algumas variações entre grupos socio-económicos diferentes e estas devem ser anotadas.

Plano Preliminar de Acção Comunitária

PROPÓSITO: os **Planos Preliminares de Acção Comunitária** são utilizados para investigar os recursos necessários para a implementação das oportunidades identificadas na última coluna do Gráfico de Análise de Problemas. Isto implica os grupos (tanto locais como externos) que estariam envolvidos quando a implementação começar. Ajuda as pessoas a tomar medidas realistas e concretas para um planeamento de desenvolvimento. Esta ferramenta aumenta a consciência sobre as capacidades e recursos que já estão disponíveis na comunidade.

PROCESSO: organiza-se uma reunião com toda a comunidade preferencialmente no mesmo dia que a reunião onde se produziu o Gráfico de Análise de Problemas (talvez a seguir a um almoço longo partilhado com todos os participantes). Assegurar que tanto homens como mulheres podem estar presentes, incluindo uma mistura de grupos socio-económicos. Convidam-se os para estarem presentes na reunião os peritos técnicos de agências e organizações externas.

Para cada problema prioritário, designam-se *Actividades*, baseadas em cada uma das oportunidades para o desenvolvimento reveladas no Gráfico de Análise de Problemas. Pergunta-se acerca dos recursos necessários para a implementação de cada actividade. Assegurar que todos os recursos necessitados são listados na coluna a seguir, incluindo terra, água, trabalho, inputs, preparação, etc. Pergunta-se quais os recursos que já estão disponíveis na comunidade e quais devem vir do exterior. Listam-se os grupos que estariam envolvidos na implementação de cada actividade. É importante voltar a olhar para o Diagrama de Venn e para os Perfis Institucionais. Quais são os grupos e as organizações locais que podem ajudar? Quais são as organizações e agências externas que podem ajudar? Onde agências externas forem identificadas, tenta-se identificar também um grupo local. É uma oportunidade para se criarem parcerias! Pede-se aos participantes para estimarem aproximadamente quando é que poderia começar o trabalho para cada actividade de desenvolvimento. Assegurar que é levado em consideração os padrões sazonais de clima e de trabalho (ver Calendários Sazonais).

Assegurar que todos compreendem que o Plano Preliminar de Acção Comunitária não é o plano final para as actividades de desenvolvimento. É um plano *preliminar*. As decisões sobre o que é realmente possível implementar irão ser feitas utilizando as ferramentas que se seguem.

Gráfico de Avaliação de Opções e Plano de Acção de Melhores Apostas

PROPÓSITO: os **Gráfico de Avaliação de Opções e Plano de Acção de Melhores Apostas** são utilizados para criar planos concretos e realistas para a implementação de actividades prioritárias. É a ferramenta final no processo de planeamento participativo como tal como foi delineado. É construído directamente a partir do Plano Preliminar de Acção Comunitária, mas foca-se nas actividades que tem maior probabilidade de serem bem sucedidas, devido ao consenso e disponibilidade dos recursos tal como foi identificado no Diagrama de Venn das Partes Interessadas e na Matriz de Parcerias e Conflito das Partes interessadas.

Para produzir os Planos de Melhores Apostas, as parcerias entre as diferentes partes interessadas que partilham interesses comuns são encorajadas, mas quando os interesses não são partilhados, cada grupo tem a oportunidade para de produzir os seus próprios planos apesar de tudo.

PROCESSO: organizam-se todos os participantes da comunidade em grupos-alvo baseados em prioridades partilhadas. Quando homens e mulheres partilharem uma prioridade, eles irão produzir em conjunto um Plano de Melhores Apostas. Quando tiverem prioridades diferentes, cada um irá produzir o seu próprio plano. Aplica-se o mesmo para diferentes grupos socio-económicos.

Explica-se que o propósito dos Planos de Melhores Apostas é refinar e finalizar ideias do Plano Preliminar de Acção Comunitária, incorporando as aprendizagens que foram efectuadas na análise das partes interessadas. A ideia é produzir planos que são tão realistas e detalhados quanto possível.

Nas colunas lista-se por ordem: *Problemas prioritários do Grupo, Soluções, Actividades, Participantes e Custos*. Existem actividades que têm de ser mudadas ou grupos que têm de ser adicionados? Pede-se aos participantes para identificarem primeiro as contribuições locais, e depois, para identificarem onde é que podem ser necessários recursos externos. Pergunta-se-lhes quando é que cada actividade pode começar e quanto tempo deve demorar.

É muito importante que os participantes sejam encorajados a serem realistas, concretos e detalhados tanto quanto possível para esta ferramenta. Quanto mais realistas forem os planos de acção mais provável é de serem implementados. Há que ser muito claro sobre as probabilidades da assistência externa para a implementação. Existem agências ou organizações de desenvolvimento prontas a fornecerem assistência às actividades identificadas pelos membros da comunidade?

Questões a Considerar

Mapas Sociais das Aldeias

- ▶ Quantos agregados familiares existem? Qual o tamanho dos agregados familiares? Qual é o número total de pessoas?
- ▶ A aldeia está a aumentar ou a diminuir? Porquê? (coeficiente de natalidade, emigração, imigração).
- ▶ As famílias são poligâmicas ou monogâmicas? A organização da família é nuclear ou alargada? Como é que estes são definidos?
- ▶ Se a aldeia tem mais que um grupo étnico, castas ou religiões, eles encontram - se mais em certas áreas?
- ▶ Existe alguma parte da aldeia onde estão concentradas as pessoas mais pobres ou sem terra?
- ▶ Quais são as definições locais de “rico” e “pobre”? Quais são os agregados familiares ricos? Pobres? Médios?
- ▶ Quantos agregados familiares são liderados por mulheres? O número está a crescer? Se sim, porquê?

Linhas tendenciais

- ▶ Quais são as tendências ambientais mais importantes? Por exemplo, uma seca, desflorestação, erosão.
- ▶ Quais são as tendências económicas mais importantes? (por exemplo, empregos, salários, preços, custos de vida, lucros das colheitas, e população de gado)?
- ▶ Quais são as tendências demográficas mais importantes? Como por exemplo, coeficientes de natalidade, mortalidade infantil, imigração, emigração, aumento do número de agregados familiares liderados por mulheres. Que outras tendências são importantes? Quais são as ligações entre as tendências?
- ▶ As ligações ou causas estão a surgir de níveis intermediários ou macro?
- ▶ Quais são as tendências ambientais mais importantes?
- ▶ Quais são as tendências económicas mais importantes?
- ▶ Quais são as tendências demográficas mais importantes?
- ▶ Quais são as tendências sociais mais importantes?

- ▶ Quais são as tendências políticas mais importantes?
- ▶ Quais são as tendências institucionais mais importantes?
- ▶ Que outras tendências são importantes?
- ▶ Quais são as ligações entre as tendências?
- ▶ O que é que está a melhorar? O que é que está a piorar?
- ▶ Existem tendências que afectam homens e mulheres de forma diferente?
- ▶ Existem tendências que afectam os pobres mais que outros grupos?
- ▶ Existem diferenças por etnia, castas, rurais/urbanos, etc?
- ▶ O que é que está a melhorar? O que é que está a piorar?
- ▶ Quais são as tendências que tem impactos diferentes sobre homens e mulheres?
- ▶ Quais são as tendências que tem maior impacto sobre os pobres que sobre os ricos? Quais são as diferenças por etnia, castas, etc?

Diagrama de Venn

- ▶ Existem alguns grupos locais organizados à volta de assuntos ambientais? Por exemplo, grupos de utilizadores das florestas, grupos de utilizadores da água.
- ▶ Existem alguns grupos locais organizados à volta de assuntos económicos? Por exemplo, crédito, produção agrícola.
- ▶ Existem alguns grupos locais organizados à volta de assuntos sociais? Por exemplo, saúde, alfabetização, religião.
- ▶ Existem grupos dos quais as mulheres são excluídas? Quais? Porquê? O que é que elas perdem pela sua falta de participação?
- ▶ Existem grupos exclusivamente para mulheres? Se sim, qual é o foco desses grupos? O que é que as mulheres ganham com eles?
- ▶ Os pobres são excluídos de qualquer outro grupo local? Quais? Porquê? O que é que eles perdem devido à sua falta de participação?
- ▶ Quais são as ligações entre os grupos locais, organizações e instituições exteriores? Por exemplo, ONGs, partidos políticos, instituições governamentais.

Classificação de ordenamento em pares

- ▶ Quais são os diferentes problemas identificados por homens e mulheres? Quais são os problemas que resultam de uma divisão do trabalho baseada no género ou de um acesso aos recursos injusto? Que problemas são partilhados por ambos?
- ▶ Quais são os diferentes problemas identificados por grupos socio - económicos diferentes? Que problemas resultam da pobreza ou da discriminação? Que problemas são partilhados por todo o grupo?
- ▶ Que problemas se relacionam com os assuntos de Contexto de Desenvolvimento? Que problemas se relacionam com assuntos de meios de sustento? Com ambos?
- ▶ Os problemas estão relacionados um com o outro?
- ▶ Houve consenso ou desacordo sobre a classificação dos problemas?

Fluxogramas

- ▶ Quais são as causas do problema? Quais estão relacionadas com as descobertas de contexto (por exemplo, quais são ambientais, económicas, sociais ou institucionais)? Quais estão relacionadas com as descobertas da Análise de Meios de Subsistência? Quais estão relacionadas com questões de género?
- ▶ Quais são os efeitos do problema? Quais estão relacionados com as descobertas do Contexto de Desenvolvimento? Por exemplo, quais são ambientais, económicos, sociais ou institucionais. Quais estão relacionados com as descobertas da Análise de Meios de Subsistência? Quais estão relacionadas com questões de género?
- ▶ Quais são as soluções propostas? Quais é que a comunidade local pode implementar? Quais necessitam de assistência externa? Existem problemas para os quais não foram identificadas soluções?
- ▶ Existe alguma sobreposição de causas, efeitos e soluções para os três problemas prioritários de cada grupo? E entre grupos diferentes?

Gráfico de Análise de Problemas

- ▶ Quais os problemas prioritários que grupos diferentes partilham? Quais são os problemas prioritários que estão relacionados? Existe consenso ou desacordo sobre que problemas são os mais importantes para a comunidade como um todo?
- ▶ Os peritos externos identificaram causas adicionais para os problemas? Quais são?
- ▶ Quais são as estratégias de confrontação actuais? Quais são as implicações de género (por exemplo, as mulheres vão cada vez mais longe para ir buscar água)?
- ▶ Quais são as oportunidades para resolver os problemas? Que oportunidades foram sugeridas pelos membros da comunidade? Quais é que podem ser implementadas localmente? Quais é que necessitam de ajuda externa?

Diagrama de Sistemas Agrícolas

- ▶ Quais são as principais actividades que ocorrem dentro da quinta? A produção de colheitas? Produção de gado? Produção de aves domésticas? Produção de frutas e vegetais? Quem é responsável por cada actividade, as mulheres, os homens ou ambos?
- ▶ Quais são as principais actividades que ocorrem fora da quinta? Recolha de combustível? Recolha de água? Pesca? Quem é responsável por cada actividade?
- ▶ Quais são as principais actividades que não estão relacionadas com a quinta? Comercialização? Trabalho pago? Quem é responsável por cada?
- ▶ Que actividades e recursos vão mais ao encontro das necessidades básicas dos agregados familiares?
- ▶ Como é que se comparam os diagramas de grupos socio-económicos diferentes? Quais são os agregados familiares que tem problemas a satisfazer as suas necessidades básicas? Porquê?
- ▶ Quais são os agregados familiares que tem modos de sustento mais diversificados? Quais são os mais vulneráveis, que dependem só de uma ou duas actividades ou recursos?
- ▶ Identificar as ligações chave entre os diferentes tipos de actividades e recursos, por exemplo, entre produtos florestais e produção de gado vivo.

Calendário Sazonal

- ▶ De um modo geral, os sistemas de meios de subsistência são relativamente estáveis ou têm grandes variações sazonais?
- ▶ Como é que são os calendários femininos em comparação com os calendários masculinos? Quais são os períodos mais atarefados para as mulheres? Existem impedimentos ao trabalho?
- ▶ Como é que a disponibilidade de comida varia ao longo do ano? Existem períodos de fome?
- ▶ Como é que varia o rendimento ao longo do ano? Existem períodos de grandes despesas, por exemplo, mensalidades escolares, compra de alimentos?
- ▶ Quais são as ligações chave entre os diferentes calendários (por exemplo, rendimento e provisões de alimento ou chuva e trabalho)?

Relógio das Actividades Diárias

- ▶ Para cada pessoa, como é que o trabalho dele e dela é dividido? Quanto tempo é dedicado a actividades produtivas? Actividades domésticas? Actividades comunitárias? Tempo livre? Dormir? Como é que variam em cada estação?
- ▶ Para cada pessoa, o tempo é fragmentado entre vários tipos de actividades diferentes, ou é concentrado em poucas actividades?
- ▶ Como é que se comparam os horários das mulheres com os homens?
- ▶ Como é que se comparam os horários de grupos socio-económicos diferentes?
- ▶ Qual dos horários é o mais ocupado?

Fluxograma de Análise de Benefícios

- ▶ Quais foram os principais benefícios resultantes das actividades realizadas na quinta (por exemplo, produção de colheitas, produção de gado, produção de aves domésticas, produção de fruta e vegetais)?
- ▶ Como é que são utilizados?
- ▶ Quem é que decide como são utilizados?
- ▶ Se vendidos, como é que o dinheiro é utilizado? Quem é que tem o poder de decisão sobre a utilização do dinheiro?
- ▶ Quais foram os principais benefícios resultantes de actividades fora da quinta (por exemplo, recolha de lenha, recolha de água, e pesca)?
- ▶ Como é que são utilizados?
- ▶ Quem é que decide como são utilizados?
- ▶ Se vendidos, como é que o dinheiro é utilizado? Quem é que tem o poder de decisão sobre a utilização do dinheiro?
- ▶ Quais foram os principais benefícios resultantes de actividades não relacionadas com a quinta (por exemplo, comercialização e trabalhos pagos)?
- ▶ Como é que são utilizados?
- ▶ Quem é que decide como são utilizados?
- ▶ Se vendidos, como é que o dinheiro é utilizado? Quem é que tem o poder de decisão sobre a utilização do dinheiro?
- ▶ De forma geral, que benefícios são consumidos pelo agregado familiar? Quais são vendidos para obter rendimento?
- ▶ Quais contribuem mais para se ir ao encontro das necessidades básicas do agregado familiar?
- ▶ Quais são controladas por homens e quais são controladas por mulheres?
- ▶ Como é que se comparam grupos socio-económicos diferentes?

Matriz de Rendimentos e de Despesas

- ▶ Existem muitas ou poucas fontes de rendimento na comunidade? Quais são as mais importantes?
- ▶ Quão vulneráveis são essas fontes de rendimento a crises, como por exemplo a secas ou doenças?
- ▶ Existem certos grupos socio-económicos que têm meios de subsistência mais vulneráveis que outros? Por outras palavras, existem algumas pessoas que dependem só de uma ou de duas fontes de rendimento, enquanto outros tem fontes diversificadas?
- ▶ Existem fontes de rendimento que estão disponíveis para certos grupos, por exemplo para homens mais velhos, mais ricos, de grupos de castas superiores, que não estão disponíveis para outros, como por exemplo para mulheres jovens, mais pobres, de grupos de castas inferiores?
- ▶ As fontes de rendimento das mulheres são comparáveis às dos homens?
- ▶ As despesas são poucas e concentradas ou estão espalhadas por diferentes tipos de gastos?
- ▶ Quais são as despesas que são comuns a quase toda as pessoas?
- ▶ Para cada grupo social, que proporção dos rendimentos vai para a satisfação das necessidades básicas, como por exemplo para comida, água, abrigo, vestuário, cuidados de saúde e educação?
- ▶ Para cada grupo social, que proporção dos rendimentos vai para as poupanças? Para investimentos produtivos, como por exemplo para inputs, equipamento, gado?
- ▶ As fontes de despesa das mulheres são comparáveis às dos homens?
- ▶ Para lidar com as crises, em que é que as pessoas gastam menos? Actividades de tempos livres? Vestuário? Mensalidades escolares? Quais são as implicações futuras?

Cartões figurativos de Recursos

- ▶ Que recursos são utilizados por homens? Por mulheres? E por ambos?
- ▶ Os recursos de grande valor são utilizados por homens, por mulheres ou por ambos? Como por exemplo, terra, gado, tecnologia.
- ▶ Que recursos são controlados por mulheres? Por homens? E por ambos?
- ▶ As decisões efectuadas acerca dos recursos de grande valor são realizadas por mulheres, por homens ou por ambos?
- ▶ Quem são os ricos em recursos entre homens e mulheres de diferentes grupos socio-económicos? Quem são os pobres em recursos?
- ▶ Quais são as ligações entre o trabalho feminino e o uso e controlo de recursos efectuado por mulheres? Quais são as ligações entre o trabalho masculino e o uso e controlo de recursos efectuado por homens?

Plano Preliminar de Acção Comunitária

- ▶ Que recursos são necessários para a implementação das actividades de desenvolvimento propostas? Olhando para as descobertas do Contexto de Desenvolvimento, quais estão disponíveis na comunidade? Quais são problemáticas? Quais estão disponíveis a partir unicamente de fontes externas?
- ▶ Quais são as implicações de género para cada um dos recursos listados (como por exemplo, a água é necessária para as actividades hortícolas e são as mulheres que vão buscar água)?
- ▶ Que grupos precisam de estar envolvidos para a implementação das actividades de desenvolvimento propostas? Olhando para o Diagrama de Venn e para a Análise Institucional, quais os grupos comunitários que poderiam ajudar em quais actividades? Que agências e organizações exteriores à comunidade são necessárias?
- ▶ Os grupos seleccionados para auxiliarem as actividades de desenvolvimento incluem mulheres? Outros grupos marginais? As mulheres estariam numa posição de tomarem decisões sobre as suas actividades de desenvolvimento prioritárias? Outros grupos marginais?

Gráfico de Avaliação de Opções e Plano de Acção de Melhores Apostas

- ▶ Existem actividades de desenvolvimento que têm de ser mudadas ou eliminadas devido a problemas revelados no Diagrama de Venn das Partes Interessadas e na Matriz de Conflito e Parcerias das Partes Interessadas?
- ▶ Dadas as descobertas efectuadas no Diagrama de Venn das Partes Interessadas e na Matriz de Conflito e Parcerias das Partes Interessadas, existem grupos que deveriam ser adicionados para a implementação de certas actividades de desenvolvimento? Oportunidades de parcerias? Grupos previamente identificados que não podem participar realisticamente?
- ▶ Que Plano de Acção de Melhores Apostas inclui as actividades de desenvolvimento que irão beneficiar directamente as mulheres? E os homens?
- ▶ Que Plano de Acção de Melhores Apostas inclui as actividades de desenvolvimento que irão beneficiar directamente os grupos comunitários que estão mais em desvantagem?
- ▶ Que Plano de Acção de Melhores Apostas inclui as actividades de desenvolvimento que irão beneficiar a maior parte ou toda a comunidade?



ASEG para os Programas de Emergência e de Reabilitação

Análise **S**ocio-**E**conómica e de **G**énero



OBJECTIVOS



Listar material de referência relevante da FAO/PAM

Websites de Organizações Internacionais

Websites de Organizações Internacionais

Gender and Disaster Network (GDN).

<http://www.fiu.edu/orgs/IHC/gender/>

Jornal de Assistência Humanitária.

<http://www-jha.sps.cam.ac.uk/jha.htm>

OCHA - Online.

http://www.reliefweb.int/ocha_ol/onlinehp.html

IFRC - World Disasters Report.

<http://www.ifrc.org/>

OCHA - ReliefWeb.

<http://www.reliefweb.int>

ODI – Rede de Socorro e Reabilitação.

<http://www.oneworld.org/odi/rrn/about/index.htm>

Desenvolvimento Económico e Social das Nações Unidas.

Informações gerais sobre as Mulheres:

<http://www.un.org/ecosocdev/geninfo/women> Advancement & Empowerment of Women.

<http://www.un.org/womenwatch/>

INDP para as Mulheres.

<http://www.unifem.undp.org>

Divisão para o Avanço das Mulheres das Nações Unidas.

<http://www.un.org/womenwatch/daw>

UNDP Pobreza, Ambiente, Género e Governança.

<http://www.undp.org/toppages/focus%20areas/focus.htm>

Grupo do Banco Mundial.

<http://www.worldbank.org/aftdr/bp/GENDER/gendtest.htm>

PAM (WFP) – Mulheres e Género.

<http://www.wfp.org/info-themes-women-home.html>

Web Sites da FAO

Agricultura (AG)

<http://www.fao.org/WAICENT/FAOINFO/AGRICULT/Default.htm>

Agricultural Engineering Branch (AGSE)

<http://www.fao.org/ag/ags/agse/activity.htm>

Divisão dos Produtos Básicos e Comércio (ESC)

<http://www.fao.org/es/esc/comtrade.htm>

Serviço de Análise da Segurança Alimentar e Projectos Agrícolas (ESAF)

<http://www.fao.org/WAICENT/FAOINFO/ECONOMIC/economic.htm>

Divisão para Alimentação e Nutrição (ESN)

<http://www.fao.org/WAICENT/FAOINFO/ECONOMIC/ESN/nutri.htm>

Género (SDW, SDWW)

<http://www.fao.org/Gender/gender.htm>

Global Warning and Information System (GIEWS)

<http://www.fao.org/WAICENT/faoinfo/economic/giews/english/giewse.htm>

Divisão de Operações de Emergência e Reabilitação (TCE)

<http://www.fao.org/reliefoperations/>

Serviço de Sementes e de Recursos Fito genéticos (AGPS)

<http://www.fao.org/ag/agp/agps/fprj.htm>

Cooperação Técnica (TC, TCI)

<http://www.fao.org/WAICENT/FAOINFO/TCD/DEFAULT.HTM>

Programas de Parceria

<http://www.fao.org/GENINFO/partner/default.htm>

Participação

<http://www.fao.org/participation/>

Web Sites do PAM (WFP)

Homepage

<http://www.wfp.org>

Género

<http://www.wfp.org/genderweb/>

Strategy and Policy Division (SP)

<http://www.wfp.org/info/org/division/SP.html>

Operations Department (OD)

<http://www.wfp.org/info/org/division/OD.html>

Divisão de Recursos e Relações Externas (RE)

<http://www.wfp.org/info/org/division/RE.html>

Divisão de Finanças e Sistemas de Informação (FS)

Divisão dos Serviços de Gestão (MS)

<http://www.wfp.org/info/org/division/MS.html>

Divisão dos Recursos Humanos (HR)

<http://www.wfp.org/info/org/division/HR.html>

Escritório do Director Executivo (OED)

<http://www.wfp.org/info/org/division/OED.html>

Parceiros - Acordos com outras Organizações/Entidades

<http://www.wfp.org/info/MOUs-Agreements.pdf>

Directrizes para Calcular as Rações de Alimentos para Refugiados

<http://www.wfp.org/operational/calfood/guidelin.htm>

Directrizes para Programas de Alimentação Selectiva

http://www.wfp.org/operational/selffeeding/provision_guidelines.htm

UNHCR/WFP Memorando de Entendimento da Colaboração Recíproca sobre o Trabalho

http://www.wfp.org/eb_public/EB.2_97_English/eitem3_c1.html

Políticas do PAM sobre o uso da assistência alimentar nas actividades de socorro alimentar e desenvolvimento: Monetização

http://www.wfp.org/eb_public/EB.A_97_English/eitem5_a.html

Directrizes da Análise e Mapeamento da Vulnerabilidade

<http://www.wfp.it/vam/>

Estatísticas

http://www.wfp.org/InfoServs_Home.html

Agências das Nações Unidas, Bilaterais e ONGs

Instituto de Pesquisa de Desenvolvimento (IDS).

University of Sussex, Brighton BN1 9RE
UNITED KINGDOM.

Tel: (1273) 606.261

Fax: (1273) 621.202; 691.647

Publications

Tel: (1273) 678.269

Email: ids.books@sussex.ac.uk

Email: bridge@ids.ac.uk

<http://www.ids.ac.uk/ids/>

Centro Internacional para a Pesquisa sobre a Mulher (ICRW),

1717 Massachusetts Avenue, NW

Suite 302, Washington, D.C. 20036

Tel: (202) 797-0007

Fax: (202) 797-0020

Email: icrw@igc.apc.org

<http://www.icrw.org/>

Oxfam Reino Unido e Irlanda.

274 Bradbury Road, Oxford OX2 7DZ

UNITED KINGDOM.

General Tel.: (44.1865) 311311, 312603

General Fax: (44.1865) 312410

Distribution Tel.: (44.1202) 715555

Distribution Fax: (44.1202) 715556

<http://www.oneworld.org/oxfam>

Autoridade Internacional da Suécia para o Desenvolvimento

(SIDA). Gender Office, Birger Jarlsgatan 61

S-105 25, Stockholm, SWEDEN

Tel: (46.8) 728-5100

Fax: (46.8) 698-5656; 698-5642; 612-6380; 322.141

<http://www.sida.org>

Fundo das Nações Unidas para as Crianças (UNICEF).

3 U.N. Plaza, New York, New York 10017

Tel: (212) 326-7000

Fax: (212) 888-7465

<http://www.unicef.org/>

Fundo das Nações Unidas para as Mulheres (UNIFEM)* ,

304 East 45th Street, New York, New York 10017.

Tel: (212) 906-6435

Fax: (212) 906-6705

<http://www.unifem.undp.org/>

Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA).

220 East 42nd Street, New York, New York 10017.

Tel: (212) 297-5000

Fax: (212) 557-6416

<http://www.unfpa.org/tpd/gender/index.htm>

Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

USAID/R&D/POP/P&E

1601 N. Kent Street, Room 711, Rosslyn, VA 22209.

Tel: (703) 875-5245

Fax: (703) 875-4693

USAID/G/PHN/P&E

Room 711, SA-18

Washington, DC 20523-1819

<http://www.usaid.gov/regions/afr/abic/guides/widsites.htm>

Mulheres em Desenvolvimento (WID), USAID.

1815 N. Fort Myers Drive, 9th Floor Rosslyn, VA.

Tel: (703) 816-0291

Fax: (703) 816-0266

<http://www.unescap.org/wid>

Women Ink.

777 UN Plaza, Third Floor, New York, New York 10017

Tel: (212) 687-8633

Fax: (212) 661-2704

Email: wink@igc.apc.org

<http://www.womenink.org/>

<http://www.iwtc.org>

*All UNIFEM publications are distributed by Women, Ink.

Banco Mundial.

1818 H Street NW, Washington, D.C. 20433.

Tel: (202) 477-1234

Fax: (202) 477-6391

Telex: MCI 64145 WORLDBANK; MCI 248423

WORLDBANK

Cable Address: INTBAFRAD/WASHINGTONDC.

<http://www.worldbank.org/gender/>

[http://www.worldbank.org/gender/how/partners.htm#module 12](http://www.worldbank.org/gender/how/partners.htm#module%2012)

Referências e textos recomendados

Alexander, E. M., 1995.

Gender And Emergency Issues- A Synthesis Of 4 WFP Case Studies: Malawi, Mozambique, Angola And Zaire .

Anderson, Mary B., 1994. Understanding the Disaster-Development Continuum: Gender Analysis is the Essential Tool, in Focus on Gender, Vol 2, No 1, pp 7-10.

Balakrishnan, R., 1993. Intra-household Dynamics: Implications for Programme and Project Formulation. Consultancy Paper for A Conceptual Framework for Social and Gender Analysis in Project and Programme Formulation. FAO, Rome.

Beck, T, 1997. Can the uncounted count? Qualitative indicators and their uses. Paper prepared for the Socio-economic and Gender Analysis Inter-agency Review Meeting Organized by UNDP, Pearl River, New York.

Bhatt, M., 1995. Gender and Disasters: Perspectives on Women as Victims of Disasters. Discussion Paper. Disaster Mitigation Institute, Gulbai Tekra, Ahmedabad India.

Birch, I., 1994. Emergency Food Distribution in Turkana. OXFAM: Focus on Gender. 4[2].

BRIDGE. Gender and Humanitarian Assistance. An Annotated Bibliography. IDS, Sussex. <http://www.ids.ac.uk/bridge>. <http://www.ids.ac.uk/bridge>.

Brown, E.P. Sex and Starvation: Famine in Three Chadian Societies. Political Economy of African Famine. Ed Downs, Kerner, and Reyna. Gordon and Breach Science Publishers.

Browning, A., 1997. Economic Growth and Housing along the U.S.-Mexico Border: Women's Existing and Potential Roles in the Development Process. Unpublished paper.

Byrne B., 1996. Gender and Humanitarian Assistance. Vol. 1, 2 and Case Studies. IDS Sussex, compiled on behalf of the Government of Netherlands.

Buenavista, G. & Flora, C., 1993. Surviving Natural Resource Decline: Explaining Intersections of Class, Gender and Social Networks in Agbanga, Leyte, Philippines. An ECOGEN Case Study. Blacksburg, VA: VPA & SU. Cited in Thomas-Slayter, Barbara, Esser, Andrea Lee and M. Dale Shields (1993). Tools of Gender Analysis: A Guide to Field Methods for Bringing Gender into Sustainable Resource Management. ECOGEN, Clark University.

Byrne, B. & Baden, S., 1995. Gender, Emergencies And Humanitarian Assistance, pp. 1-60.

Byrne, B. Marcus, R. Powers-Stevens, T., 1995. Gender, conflict and development (Volume 2 - Case Studies). Report 35 ,147 pages. Report prepared at the request of the Netherlands' Special Programme on WID, Ministry of Foreign Affairs on a conference on gender, conflict and development of the Vrouwenberaad Ontwikkelingssamenwerking. Byrne, B., 1995. Gender, Conflict And Development (Volume 1 - Overview). Report 34, 61 pages. Report prepared at the request of the Netherlands' Special Programme on WID, Ministry of Foreign Affairs on a conference on gender, conflict and development of the Vrouwenberaad Ontwikkelingssamenwerking.

Byrne, B., 1996. Towards A Gendered Understanding Of Conflict. IDS Bulletin, Vol. 27, No. 3, pp. 31-40.

Cammack, D., 1995. Gender And Emergency Food Aid: A Review Of Two World Food Programme Operations In Malawi. Situation Report, WFP.

Canadian International Development Agency (CIDA), 1996. Guide to Gender Sensitive Indicators.

- Chambers R, 1989.** Vulnerability: How Poor People Cope. IDS Bulletin 20 (2).
- Cohen, Roberta, 1995.** Put Refugee Women in Charge of Food Distribution, in *Hunger 1996*, Washington, D.C.: Bread for the World Institute, October.
- Commission of the European Communities, 1993.** Project cycle management: Integrated approach and logical framework.
- Connell, D., 1994.** Social- and Gender-Responsive People's Participation for a Field Manual on Participatory Project Identification and Formulation. Consultancy paper for A Conceptual Framework for Social and Gender Analysis in Project and Programme Formulation. FAO, Rome.
- Cornwall, A., Guijt, I. & Welbourne, A., 1992.** Acknowledging Process: Challenges for Agricultural Research and Extension Methodology. Overview Paper II prepared for the IIED/IDS workshop Beyond Farmer First: Rural People's Knowledge, Agricultural Research and Extension Practice, Institute of Development Studies, University of Sussex, Oct. 27-29.
- Craske, N., 1993.** Women's Political Participation in Colonias Populares in Guadalajara, Mexico, in *Viva: Women and Popular Protest in Latin America*, edit. Sarah A Radcliffe and Sallie Westwood. New York: Routledge, pp. 112-135.
- D'Arcy, D., 1990.** The Community's Toolbox. The Idea, Methods and Tool for Participatory Assessment, Monitoring and Evaluation in Community Forestry. Community Forestry Manual 2. FAO, Rome.
- Development and Gender In Brief** Integrating Gender into Emergency Responses (Issue 4) from Bridge Reports. <http://www.ids.ac.uk/bridge>
- Development and Gender In Brief.** Conflict and Development (Issue 3) from Bridge Reports at <http://www.ids.ac.uk/bridge>; www.oxfam.org.uk
- Eade, D. & Williams, S., 1995.** The Oxfam Handbook of Development and Relief, Volume I pp184-190 and Volume II pp 883-886, (Oxfam Publications).
- ECHO, 1996.** Gender And Emergencies. Conference Report Pages: 11. APRODEV.
- Eckman, K., 1995.** Training Manual for Training Workshop on Action-Oriented Village Assessment and Participatory Rural Appraisal. Yangon, Myanmar. FAO, Rome.
- Edridge C. & Gosling L., 1995** RRA and PRA in Emergencies. SCF/UK London.
- El-Bushra, J., & Piza Lopez, E., 1993,** Development in conflict: The Gender Dimension, Report of an Oxfam AGRA East Workshop held in Pattaya, Thailand, 1-4th February, Oxfam UK/I, ACORD
- Elmendorf, M. L. & Isely, R.B., 1983.** Public and Private Roles of Women in Water Supply and Sanitation Programmes. *Human Organization* 42(3): 195-204.
- Enarson E. & Morrow H., 1998.** The Gendered Terrain of Disaster: Through Women's Eyes. Greenwood Press.
- Eurostep.,** Gender And Humanitarian Assistance. Occasional Paper, Pages: 12 Eurostep City: Brussels
- Fall, Y., 1996.** Gender Assessment Of Emergency Food Assistance: Impact On Rwandese Refugees In Eastern Zaire Research Report Pages: 40
- FAO & University of Arizona, Bureau of Applied Research in Anthropology, 1997.** SEAGA Macro-level Handbook.
- FAO/IIED, 1999.** Exploring Gender Issues in Agriculture. Key Issues and Participatory Methods.

- FAO, 1993.** Guidelines for Participatory Nutrition Projects. FAO, Rome.
- FAO, 1995.** Understanding Farmers' Communication Networks. An Experience in the Philippines. Communication for Development Case Study. FAO, Rome.
- FAO, 1996.** Improving Extension Work with Rural Women. FAO, Rome.
- FAO/UNDP/World Bank, 1993.** Towards a Common Conceptual Perspective on Socio-economic and Gender Analysis (SEAGA). Synthesis of Papers. A Conceptual Framework for Social and Gender Analysis in Project and Programme Formulation, Rome.
- Feldstein, H. S. & Jiggins, J., 1994.** Tools for the Field. Methodologies Handbook for Gender Analysis in Agriculture. Kumarian Press, West Hartford, Connecticut.
- Ferris, E., 1993,** Women, war and peace. Research Report No. 14, Life and Peace Institute, Uppsala, Sweden
- Feuerstein, M., 1986.** Partners in Evaluation. Evaluating Development and Community Programmes with Participants. Macmillan Publishers Ltd, London.
- Ford, R. and Hussein A., Farah, A.Y. & Barre, O.H., 1994.** PRA with Somali Pastoralists: Building Community Institutions for Africa's Twenty-first Century. Worcester, Mass: Clark University in cooperation with GTZ/Gardo, Somalia.
- Freudenberger, K.S., 1994.** Tree and Land Tenure Rapid Appraisal Tools. Community Forestry Field Manual 4. FAO, Rome.
- Gell, F., 1997.** Links-Oxfam's Newsletter on Gender. Guinea Pigs for Andean Women: a new emergency response by Programme Management Assistant.
- <http://ourworld.compuserve.com/homepages/guytempler/references.htm>. Oxfam GB South Asia.
- Grimble, R., Chan, M., Aglionby, J. & Quan, J., 1995.** Trees and Trade-offs: A Stakeholder Approach to Natural Resource Management. IIED Gatekeeper Series No. 52, London.
- Hamerschlag, K. & Reerink, A., 1996.** Best practices for Gender Integration in Organizations and Programmes from the InterAction Community: Findings from a Survey of Member Agencies. Commission on the Advancement of Women. 1996.
- HCHR, 1997.** Guiding Principles on Internal Displacement. Intermediate Technology. Women and Drought. Discussion Paper. London.
- Henderson, H. K., Hutchinson, B.S. & Baro, M. 1994.** Participation of Women in Agricultural Education and Integration of Gender Issues into Agricultural Curricula in Two Developing Countries. International Education 23(2): 46-63.
- Huisinga Norem, R., 1997.** SEAGA Framework and Users Reference. FAO.
- Huisinga Norem, R., 1999.** Socio-economic and Gender Analysis (SEAGA). A Conceptual Approach to Development Planning, Implementation, Monitoring and Evaluation. FAO/ILO, Rome.
- IASC Working Group, 1999.** Mainstreaming Gender in the Humanitarian Response to Emergencies Meeting XXXXVI, Background Document. April 22-23, Rome (Inter-Agency Standing Committee).
- IDNDR 1995.** Women and Children: Key to Prevention: Summaries and Analysis. Report. New York and Geneva: Department of Humanitarian Affairs.
- IIED, 1991.** Participatory Rural Appraisal. RRA Notes 13. IIED, London.

- IIED, 1992.** From Input to Impact: Participatory Rural Appraisal for ActionAid The Gambia. IIED, London.
- Intermediate Technology Zimbabwe, 1996.** Our Community Ourselves. A Search for Food Security by Chivi's Farmers. ITZ, Harare.
- International Committee of the Red Cross, 1996.** Women and War (ICRC Publications).
- Jacobson, J.L., 1993.** Closing the Gender Gap in Development. In: L. Brown, et al., State of the World, A Worldwatch Institute Report on Progress Toward a Sustainable Society, W.W. Norton & Co., New York, 61-79.
- John's Hopkins Refugee and Diasaster Studies Programme.**
<http://www.shsph.edu/research/emergencies/catalogue.html>.
- Kabeer N., 1990** Women, Household Food Security and Coping Strategies. Women's Nutrition. ACC/SCN Symposium Report: Nutrition Policy Discussion Paper. ACCUN Sub-Committee on Nutrition.
- Kasmann, E., & Körner, M., 1996.** Guidelines: Gender-Aware Approaches To Relief And Rehabilitation. Pages: 75. InterAktion, Bonn
- Katona-Apte, J., 1986.** Women and Food Aid: A Develop-mental Perspective. In Food Policy, August.
- Katona-Apte, J., 1999.** Uprooted Women: Passive Victims? Or Active Change Agents? WFP's Role, Conference on Uprooted Women, Washington, DC, WFP, 1999.
- Koopman, J., 1994.** Participatory Socio-economic and Gender Analysis of Household and Community Issues for a Field Manual on Participatory Project Identification and Formulation. Consultancy paper for A Conceptual Framework for Social and Gender Analysis in Project and Programme Formulation, FAO, Rome.
- Krishnaraj M., 1997.** Gender Issues in Disaster Management. Gender Technology and Development, vol. 1, no. 3.
- Lassila, S., 1999.** Report on Majakliet Field Trip – A Gender Perspective, Unpublished discussion paper.
- League of Red Cross and Red Crescent Societies, 1991.** Working with Women in Emergencies. Field Studies Paper #2. Geneva.
- League of Red Cross and Red Crescent Societies, 1991.** Working with Women in Emergencies. Field Studies Paper #2. Geneva.
- Levy, C., 1992.** Transport, Chapter 6. In Gender and Development: A Practical Guide. London: Routledge, pp. 94-109.
- Lightfoot, C., Feldman, S., & Abedin, M. Z., 1994.** Incorporating Gender in Conceptual Diagrams of Households and Agroecosystems. In Hilary Sims Feldstein and Janice Jiggins (Eds.), Tools for the Field. Methodologies Handbook for Gender Analysis in Agriculture. Kumarian Press, West Hartford, Connecticut, 66-70.
- Lipnack, J. & Stamps, J., 1986.** The Networking Book. New York: Routledge & Kegan Paul.
- Llanes, M., 2000.** Women: Emergencies and Rehabilitation and Access to Food Security. Regional Office, Nicaragua, WFP.
- Machado, L.M.V., 1987.** The Problems for Women-Headed Households in a Low-Income Housing Programme in Brazil. In, Women, Human Settlements, and Housing, edit. Caroline O.N. Moser and Linda Peake. New York: Tavistock, pp. 55-69.

- Maine, R. A., Cam, B. & Davis-Case, D., 1996.** Participatory Analysis, Monitoring and Evaluation for Fishing Communities. A Manual. FAO Fisheries Technical Paper No. 364. FAO, Rome.
- Mooney, E., 1998.** Internal Displacement and Gender. Humanitarian Principles.
- Moser, C.O.N., 1987.** Introduction and Chapter 1. In Women, Human Settlements, and Housing. Edit. Caroline O.N. Moser and Linda Peake. New York: Tavistock Publications, pp. 1-32.odule 12
- Moser, C.O.N., 1989.** Gender Planning in the Third World: Meeting Practical and Strategic Gender Needs.
- Moser, C.O.N., 1992.** Housing. Chapter 5. In Gender and Development: A Practical Guide. Edit Lise Ostergaard. London: Routledge, pp. 76-93.
- Myers, M., 1994.** Women and Children First: Introducing a Gender Strategy into Disaster, Preparedness', In: Focus on Gender, Vol 2, No 1, pp14-16.
- Narayan, D. & Srinivasan, L., 1994.** Participatory Development Tool Kit. Training Materials for Agencies & Communities. The World Bank, Washington, D. C.
- Narayan, D., 1996.** Toward Participatory Research. World Bank Technical Paper No. 307, Washington D. C.
- Network on Humanitarian Assistance, 1994.** European University Degree in International Humanitarian Assistance, Anthropology Module, (European Commission, European Community Humanitarian Office, July).
- Peace Corps, 1996.** PACA: Participatory Analysis for Community Action. Information Collection and Exchange Peace Corps Manual M0053, Washington, D. C.
- Pendzich, C., 1994** Socially and gender-responsive dispute resolution. Consultancy paper, FAO.
- Percy, R., 1995.** Improving Client Oriented Extension Training in Ethiopia - North Wollo Gender and Participatory Extension Case Study. GCP/ETH/051/NET, FAO, Rome.
- Pretty, J.N., Guijt, I., Thompson, J. & Scoones, I., 1995.** A Trainer's Guide for Participatory Learning and Action. IIED Participatory Methodology Series, IIED, London.
- Quisumbing, A. R., Brown L. R., Feldstein H.S., Haddad, L. & Pena C., 1995.** Women: The Key to Food Security, Washington, D.C.: International Food Policy Research Institute, August.
- Rodda, A., 1991.** Women and the Environment. London: Zed Books, Inc.
- Shah, P. & Meera K.S., 1995.** Participatory methods: precipitating or avoiding conflict? PLA Notes, no. 24. IIED, London.
- Shotton, A., 2000.** WFP Women Beneficiaries Speak Out, Workshop Report WFP/Sudan.
- Slocum, R. Wichhart, L. Rocheleau, D. & Thomas-Slayter, B., 1995.** Power, Process and Participation: Tools for Change. Intermediate Technology Publications, London.
- Smith, D.L. & Bryant, J.H., 1988.** Building the Infrastructure for Primary Health Care: An Overview of Vertical and Integrated Approaches Social Science and Medicine 26(9): 909-917.
- Sorock, M., Dicker, H., Giraldo, A. Waltz, S., 1984.** Women and Shelter: Resources for Action. Office of Housing and Urban Programmes, Washington, D.C.: USAID.
- Taft, J., 1987.** Issues and Options for Refugee Women in Developing Countries, Washington DC: Refugee Policy Group.

- Theis, J. & Grady, H.M., 1991.** Participatory Rapid Appraisal for Community Development. A Training Manual Based on Experiences in the Middle East and North Africa. IIED and Save the Children.
- Thomas-Slater, B., E., Lee, A & Dale, S.M., 1993.** Tools of Gender Analysis: A Guide to Field Methods for Bringing Gender into Sustainable Resource Management. ECOGEN, Clark University.
- Thomas-Slayter, B., Polestico, A., Esser, L., A., Taylor A. & Mutua. A., 1995.** A Manual for Socio-Economic and Gender Analysis: Responding to the Development Challenge. ECOGEN, Clark University.
- Tilakartna, S., 1987.** The Animator in Participatory Rural Development. ILO, Geneva.
- Townsley, P., 1993.** Rapid Appraisal Methods for Coastal Communities. A Manual. Bay of Bengal Programme, Madras.
- Townsley, P., 1993.** Training of Rapid Appraisal Teams. Notes for Trainers. FAO, Rome.
- UN Security Council Open Debate in Women, Peace and Security.**
<http://www.undp.org/unifem/unsseccouncil/index./html>.
- UNDHA, 1997.** Women in Emergencies. DHA News 22., Geneva, pp 64.
- UNHCR, 1990.** Policy on Refugee Women. Geneva.
- UNHCR, 1995.** Sexual Violence against Refugees: Guidelines on Prevention and Response. Geneva.
- UNICEF, 1995.** Office of Emergence Programmes and Brussels Office Report of the Expert Group Meeting on the Development and Guidelines for the Integration of Gender Perspectives into UN Human Rights Activities and Programmes. Geneva.
- UNICEF, 1998.** Workshop: Focus on Child Rights Approach to Complex Emergencies and Internal Displacement. Brussels: UNICEF, Office of Emergence Programmes and Brussels Office, 1/10/98.
- United Nations Inter-Agency Standing Committee (IASC), 1999.** Policy Statement and Background Paper, 31 May.
- Urban, A. and Roja, M., 1993.** Shifting Boundaries: Gender, Migration, and Community Resources in the Foothills of Choluteca, Honduras. An ECOGEN Case Study. Cited in Thomas-Slayter, Barbara, Esser, Andrea Lee and M. Dale Shields (1993). Tools of Gender Analysis: A Guide to Field Methods for Bringing Gender into Sustainable Resource Management. ECOGEN, Clark University.
- Voutira, E., 1995.** Improving Social and Gender Planning in Emergency Operations. WFP. Oxford University Refugee Studies Programme. 1995.
- Walker, B., 1994.** Women and Emergencies. Oxford. OXFAM.
- Walsh, M. 1998.** Time for Change: Food Aid and Development. Women in Food Aid Intervention. Impacts and Issues, Rome. Institute of Development Studies, University of Sussex, United Kingdom.
- Wellbourne, A., 1992.** PRA Materials on Gender (mimeograph), IIED.
- WFP, 2000.** Protracted Relief and Recovery Operation: Algeria 6234.00 - Assistance to Saharawi Refugees, 1 September 2000 – 31 August 2002.
- Wiest, R., Mocellin, J. & Motsisi, D., 1992.** The Needs of Women and Children in Emergencies, University of Manitoba Winnipeg.

- Wilde, V. & Mooij, M., 1998.** Participatory Gender Analysis for Community-level Disaster Response Planning. WFP, Nairobi.
- Wilde, V. and Arja, V.M., 1995.** Gender Analysis and Forestry International Training Package. FAO, Rome.
- Wilde, V., 1996.** PRA for Impact Analysis in Bhutan. IFAD Interim Evaluation Mission Report on First Eastern Zone Agricultural Development Project (FEZAP), Bhutan. IFAD, Rome.
- Wilde, V., 1997.** SEAGA Field-level Handbook. FAO.
- Wilde, V., 1997.** WFP Gender and Participation in Emergency Food Aid.
- Wisner, B., 1995.** Socio-economic and Gender Aspects of Environment and Sustainable Development. Contribution to FAO/ILO/UNDP Field Manual on Participatory Project Identification and Formulation.
- World Resources Institute, 1990.** Participatory Rural Appraisal Handbook. National Environmental Secretariat, Government of Kenya. Clark University; Egerton University; and the Centre for International Development and Environment of the World Resources Institute.
- World Bank, 1996.** World Bank Sourcebook on Participation. ESD, The World Bank, Washington, D.C.
- Woroniuk, B, Schalkwyk, J. and Thomas, H. 1997.** Overview: Gender Equality and Emergency Assistance/Conflict Resolution, Report Prepared for Humanitarian Assistance Division, SIDA, January.

**Organização das Nações Unidas
para a Alimentação e a Agricultura**

Divisão de Género e População
Departamento de Desenvolvimento Sustentável

Divisão de Operações de Emergências e de Reabilitação
Departamento de Cooperação Técnica

Viale delle Terme di Caracalla
00100 Roma, Italia
Tel (+39) 06 57054388 – Fax (+39) 06 57052004
www.fao.org
www.fao.org/gender
www.fao.org/reliefoperations

Programme Alimentaire Mondial

Unidade de Apoio Técnico
Divisão de Estratégia e Política

Via Cesare Giulio Viola, 68/70
Parco dei Medici
00148 Rome, Italie
Tel (+39) 06 65131 - Fax (+39) 06 65132873
wfpinfo@wfp.org
www.wfp.org

**Organização das Nações Unidas
para a Alimentação e a Agricultura**

Divisão de Género e População
Departamento de Desenvolvimento Sustentável

Divisão de Operações de Emergências e de Reabilitação
Departamento de Cooperação Técnica

Viale delle Terme di Caracalla
00153 Roma, Italia
Tel +39 06 57054388 – Fax +39 06 57052004
www.fao.org
www.fao.org/gender
www.fao.org/reliefoperations

Programa de Alimentar Mundial

Unidade de Apoio Técnico
Divisão de Estratégia e Política

Via Cesare Giulio Viola, 68/70
Parco dei Medici
00148 Roma, Italia
Tel +39 06 65131 – Fax +39 06 65132873
wfpinfo@wfp.org
www.wfp.org